

**O POUSO DE TROPAS COLONIAL EM BENTO RODRIGUES:
O caso dos trabalhos de resgate arqueológico pós desastre.**

SANTOS, Magno A. C. (1); RIBEIRO, Marcelo C. (2); PEREIRA, Vinicius S. C. (3)

1. Unicentro Newton Paiva/Geografia
magnogeo@gmail.com

2. Fundação Universidade do Tocantins/História
marcelocarlos.ribeiro@gmail.com

3. Fundação Dr. Pedro Leopoldo/História
vinicius.pereira@arcadis.com

RESUMO

Com o rompimento da barragem de Fundão, em novembro de 2015, volumosa quantidade de lama causou a destruição parcial do meio natural circundante, das comunidades adjacentes, do modo de vida e, conseqüentemente, de seu Patrimônio Cultural, neste caso específico das edificações e estruturas associadas ao curral e os cochos de pedras situados no distrito de Bento Rodrigues. A estrutura edificada apresenta dois métodos de construção distintos: um segmento erigido com blocos de pedra, dispostos um em cima do outro, em junta seca; e, o outro segmento construído com placas de pedra, cada uma disposta verticalmente, e em paralelo com a outra, formando um muro com características únicas, poucas vezes vistas na região. É provável, portanto, que o curral de pedra fosse parte integrante de uma estrutura maior, provavelmente uma estalagem ou rancho de tropas. Os trabalhos de resgate de superfície e de pesquisa documental possibilitaram a preservação dos vestígios e a reconstituição de sua história. Desse modo, o artigo visa não só apresentar um estudo de caso acerca dos procedimentos e métodos utilizado em um caso emblemático de resgate arqueológico pós-desastre, como também chamar a atenção para os sítios ligados à antiga estrutura viária denominada Estrada Real em Minas Gerais.

Palavras-chave: Arqueologia Pós-desastre; Estrada Real; Patrimônio Cultural;

RESUMEN

Con la ruptura de la represa de Fundão en noviembre del 2015, una cantidad voluminosa de barro causó la destrucción parcial del medio natural a su alrededor, de las comunidades adyacentes, de su modo de vida y, como consecuencia, de su Patrimonio Cultural, en este caso específicamente de los edificios y estructuras relacionadas al corral y los abrevaderos de piedra localizados en el Distrito de Bento Rodrigues. La estructura edificada presenta dos métodos distintos de construcción: un segmento erigido con bloques de piedra, dispuestos uno encima del otro, en junta seca, y el otro segmento construido con placas de piedra, cada una en disposición vertical y paralelas entre sí, formando un muro con características únicas, pocas veces vistas en la región. Por lo tanto, es probable que el corral de piedra fuera parte integrante de una estructura mayor, probablemente una posada o rancho de tropas. Los trabajos de rescate superficial y de investigación documental posibilitaron la preservación de los restos y la reconstitución de su historia. De esta manera, el artículo apunta no sólo a presentar un estudio de caso sobre los procedimientos y métodos utilizados en un caso emblemático de rescate

arqueológico post desastre, sino también llamar la atención para los sitios relacionados al antiguo ferrocarril denominado Estrada Real en Minas Gerais.

Palavras-claves: Post-Desastre Arqueologia; Estrada Real; Patrimônio Cultural

Introdução

O distrito de Bento Rodrigues, localizado cerca de 35 km ao norte do município de Mariana, possuía uma população no ano de 2010 estimada em 492 habitantes (divididos em cerca de 120 residências). O distrito contava apenas com os serviços públicos mais básicos, como a escola municipal e um centro de saúde, além de uma linha de ônibus que fazia o trajeto até Mariana duas vezes ao dia. A maior parte da população adulta empregava-se nas empresas mineradoras da região, sendo a agricultura e a mineração de “faiscagem” outras atividades presentes. Para alguns moradores, a prestação de serviços ligados ao turismo servia como alternativa de renda, principalmente após a implementação da rota turística da Estrada Real.

A origem do subdistrito de Bento Rodrigues, portanto, estava em plena concordância com a dinâmica povoadora característica dos primórdios da ocupação da capitania de Minas Gerais no século XVIII, pela qual a inserção dos núcleos populacionais obedecia rigorosamente aos locais de mineração. Em conformidade com a exploração aurífera aluvional, o povoado desenvolveu-se às margens dos cursos de água formados pelo córrego do Ouro Fino e o Ribeiro do Santarém, em área de relevo aplainado tipicamente associada a planícies fluviais.

O núcleo urbano assentava-se inteiramente sobre a colina entre os dois cursos d'água, tendo como eixo a antiga estrada que ligava o município de Mariana a Santa Bárbara, que após atravessar o ribeiro do Santarém, abria-se no largo disposto na borda do terraço que servia de adro à capela de São Bento. Daí em diante, a estrada seguia as margens do córrego do Ouro Fino, passando a tangenciá-lo até suas cabeceiras, onde cruzava o divisor de água em direção ao distrito de Santa Rita Durão. Antes de descer ao encontro do córrego Ouro Fino, em terreno de cota mais elevada, a estrada passava a cavaleiro até alcançar a capela de N. Sra. das Mercês, templo devocional que constituía a zona limítrofe do povoado de Bento Rodrigues.

No dia 5 de novembro de 2015, a barragem do Fundão localizada a 2,5 km a montante do distrito rompeu-se, causando uma alteração na conformação paisagística de Bento Rodrigues. De acordo com testemunhas oculares, a enxurrada, em um primeiro momento, não atingiu a grande parte do núcleo urbano, tangenciando as vertentes da

margem direita do ribeiro de Santarém. Contudo, um ponto de abrupto estreitamento da calha a jusante onde se encontra com o córrego Ouro Fino, barrou o escoamento dos rejeitos. O refluxo de rejeito assim gerado acumulou-se pela pequena planície do povoado, onde os morros circundantes parecem ter agido como um verdadeiro ralo, criando um vórtice de lama responsável pelo maior impacto sobre as estruturas urbanas e arquitetônicas.

Histórico do Curral de pedras em Bento Rodrigues

A formação da comunidade de Bento Rodrigues remonta ao início da ocupação histórica do município de Mariana, no início do século XVIII, com a chegada de bandeirantes paulistas, migrantes de outras partes da colônia e imigrantes portugueses que vinham em busca de metais e pedras preciosas que haviam sido encontrados na região.

De fato, a grande quantidade de ouro que era extraída dos ribeiros do arraial de Bento Rodrigues foi razão para que a localidade se tornasse bastante famosa nos princípios da mineração na região. Diversos são os documentos e relatos feitos ao longo da primeira metade do século XVIII que se referem aos altíssimos rendimentos de suas minas.

Nesse ponto, a própria conformação geográfica do sítio, onde ergueu-se o arraial, ajudava a tornar as jazidas auríferas locais de fácil exploração. Entremeadado por terrenos de relevo bastante movimentado, o sítio urbano de Bento Rodrigues eleva-se sobre uma pequena planície sedimentar formada pela barra dos córregos do Ouro Fino e do Santarém.

O Pouso de Tropas colonial - O Curral e Cocho Pedras

Já nas primeiras décadas do século XIX, Bento Rodrigues tornava-se uma parada quase obrigatória entre os viajantes que transitavam entre Ouro Preto e as vilas ao norte pela Estrada Real. Em um anúncio, publicado por um Antônio Borges de

Magalhaes no jornal *A província de Minas*, em 1887, informando aos viajantes que rumavam para Ouro Preto, sobre as comodidades de seu hotel em Bento Rodrigues¹.

É possível que o hotel referido no anúncio tenha sido o mesmo que, de acordo com informações colhidas em entrevistas com moradores de Bento Rodrigues, fora criado pelo major Camillo de Lellis Ferreira (1823-1897), cuja atuação como patrono da capela de São Bento foi decisiva para a conformação urbana do distrito até 2015. De acordo com os moradores entrevistados, Camillo de Lellis Ferreira teria patrocinado a reconstrução da capela de São Bento na década de 1850, obra que contou também com a elevação do muro que ligava o “Curral de Pedra” ao adro da capela.

Conformava-se assim um conjunto arquitetônico construído que abrangia desde a entrada do distrito, assinalada pelos muros de pedra do Curral até a capela de São Bento, ou melhor, até a residência do major Ferreira localizada ao lado do templo. Então um sobrado de taipa de mão, cuja construção remontaria a época da fundação do povoado, a residência do major teve seu segundo pavimento desmontado na década de 1960, quando foi também transformado no estabelecimento comercial que deu origem ao Bar da Sandra. Este funcionou no local até 2015.

Os terrenos localizados na margem direita do córrego Santarém, desde o leito antigo da Estrada Real até a barra do Ouro Fino eram propriedade do major Ferreira e que teriam sido doados a capela após seu falecimento, constituindo o seu “patrimônio”. Nesse sentido, cumpre chamar a atenção para a própria forma do tecido urbano ali existente, típico de “vilas e cidades lineares”, ou seja, desenvolvidas tendo como principal eixo um caminho ou estrada pública convertida em rua principal.

Servindo como as duas balizas espaciais que assinalavam os limites da povoação estavam o Curral de Pedras, ao sul, e a capela das Mercês, ao norte. O primeiro servia como obvio ponto de paradas para quem alcançava o arraial vindo de Camargos,

¹ “Aos Srs. Viajantes do norte de Minas que se dirigirem a Ouro Preto, recomendão-se o hotel de Antônio Borges de Magalhães, onde encontrarão todas as comodidades. Há ótimos aposentos para famílias e para escoteiros. Além de um excelente pastinho fechado, do qual os animaes podem ser trasidos a qualquer hora do dia ou da noite, possui também outros pastos apropriados para invernadas.” (*A província de Minas*, 7/10/1887).

quando a descida para Bento Rodrigues era feita por um caminho de inclinação mais suave e cuja ligação mais direta com o Curral sinaliza a importância dessa estrutura para a antiga povoação. Tendo descarregado as cargas de suas mulas e conduzindo-as aos pastos da margem direita do Santarém, os viajantes se dirigiam ao rancho aberto ou, se pudessem pagar um pouco mais, ao sobrado onde funcionaria também o “hotel”.

A história oral e um vídeo postado na internet² afirmam que o referido espaço seria um curral de tropas utilizado desde o final do século XVII. No vídeo mencionado é possível mensurar as dimensões e características do curral: ele é todo fechado em parte por muros em junta seca e em duas de suas laterais ele era circundado por lajes de pedra dispostas perpendicularmente no solo. No interior do curral havia um cocho de grandes proporções esculpido em pedra (pês e bojo), o que leva a crer que animais seriam neste local contidos e alimentados.

Arqueologia no Pós- Desastre

A conformação inicial de antigos vilarejos sempre remete a construção de alguma edificação. Nesse sentido, a arquitetura, tida para a Arqueologia como parte da cultura material, como vestígio da ação humana na ocupação dos espaços, e compreendida como elemento que se entrelaça de forma dinâmica com os indivíduos, sendo um instrumento analisado para debater um processo histórico, vinculado a formação da sociedade e suas contextualizações (LIMA, 2010).

Sob esta perspectiva os trabalhos desenvolvidos contaram com aportes da Arquitetura, da História e da Arqueologia, visto que, no caso das edificações muito antigas, normalmente existem poucos registros históricos disponíveis que cubram toda a sua existência. Nessas situações, a Arqueologia mostra-se uma ciência eficaz no trabalho de recuperação histórica, não só para suprir a ausência de dados bibliográficos, mas também para dialogar com os documentos escritos existentes (IPHAN, 2002).

² <https://www.youtube.com/watch?v=7H9cojtLjcs>.

Em consonância com as definições do IPHAN (2002), o termo “Arqueologia de Restauração” surge em meados do século XX para caracterizar os trabalhos que tinham por objetivo apenas o fornecimento de informações e elementos para os projetos de restauração de monumentos. Esses trabalhos estão inseridos em uma linha de pensamento arqueológico histórico-culturalista, e onde as atividades de pesquisa arqueológica eram utilizadas como acessórias para o campo da Arquitetura.

Neste caso o projeto de Arqueologia inserido em um projeto de restauração/conservação deve idealizar a produção de dados relevantes, indicando que uma edificação se refere a um super artefato, construído pelo homem que, necessariamente, está enquadrado num dado tempo e espaço e, deste modo, carregado de valores e simbolismos. Cabe a arqueologia constituir esse fundamento científico *stricto sensu*, isto é, elaborar conhecimento sistematizado e rigoroso sobre o bem trabalhado, tentando desvelar, o máximo possível, as relações humanas que se permeiam materialmente naquele bem (IPHAN, 2002).

No entanto deve-se considerar que as intervenções realizadas em uma edificação, seja ela considerada monumento nacional ou não, e de caráter radical é muitas vezes danoso, portanto, há a necessidade de se estabelecer medidas cautelosas e alicerçá-las nos mais criteriosos parâmetros da preservação para minimizar as perdas decorrentes de uma opção indevida (CARRERA & SURYA, 2012).

O ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, em língua inglesa "*International Council of Monuments and Sites*") (TAVARES, 2011), defende que a escolha entre técnicas tradicionais e inovadoras deva ser pesada caso a caso e sugere que se dê preferência as menos invasivas e mais compatíveis com os valores do patrimônio cultural, tendo em mente as exigências de segurança e durabilidade.

Na Arqueologia, para se reconstruir a atividade humana no passado é de fundamental importância compreender o contexto de um achado, seja um artefato, uma estrutura ou uma construção edificada. O contexto de um objeto consiste em um nível imediato, sua situação deposicional e sua associação com os demais achados/materiais (RENFREW & BAHN, 2011).

Apesar de esta ser uma situação nova e totalmente específica e que gerou um contexto totalmente atípico para a Arqueologia e para seus métodos e técnicas de escavação, no que tange ao estudo do Patrimônio Cultural e ao salvamento do que restou dele, os aspectos teórico-metodológicos apresentados dão subsídios, se não suficientes, ao menos norteadores, para a compreensão e entendimento dos passos seguidos para a execução dos estudos propostos.

Nesse sentido, embora os fatores pós-deposicionais sejam evidentemente associados ao rompimento da barragem de rejeito de minério, buscou-se compreender a espacialidade e a forma de dispersão dos vestígios de maneira holística, utilizando-se da perspectiva formulada por Schiffer (1996). Nela o autor distingue os diversos tipos de processos pós-deposicionais que podem ser encontrados. Para o caso do rompimento da barragem de Fundão, a perspectiva na qual a situação pode ser enquadrada é aquela relacionada aos *processos pós-deposicionais culturais (transformações)*, que englobam atividades deliberadas ou acidentais de origem antrópica (SCHIFFER, 1996).

De fato, temos com este novo evento, uma situação na qual pode-se vislumbrar bem, esse tipo de processo pós-deposicional. E, na medida em que se torna possível compreender melhor tais processos, lançamos as possibilidades estratégicas para a melhor forma de se realizar o resgate do material histórico e/ou arqueológico em um ambiente pós-desastre.

Métodos aplicados à Arqueologia no pós desastre

Seguindo os parâmetros teórico-metodológicos expostos, a metodologia utilizada se propôs ao registro arqueológico de estruturas históricas em quatro níveis, sendo adaptada em observância a integridade física das estruturas. Desta forma, a metodologia adotada foi constituída das seguintes atividades:

1. Registro de superfície (inspeção visual) ao longo das áreas afetadas pela lama de rejeito a partir das informações colhidas durante a etapa de monitoramento/prospecção arqueológico e arquitetônico;

- a. Mapeamento do antigo trajeto da estrutura e prospecção nas áreas de entorno, com abertura de furos-teste para localização de possíveis componentes associados aos objetos de estudo;
 - b. Coleta de informações com moradores locais e com as equipes de busca compostas pela corporação dos bombeiros, atentando-se os locais onde foram encontrados vestígios arqueológicos / históricos;
2. Limpeza e evidenciação das estruturas que tenham sido soterradas;
- a. Limpeza a partir da remoção do rejeito de minério;
 - b. Nesta etapa foi realizado um levantamento e análise do estado de conservação e das condições em que as edificações históricas se encontravam (mapeamento de danos), determinando suas patologias e evidenciando os indícios de degradação.
3. Resgate com a abertura de sondagens e escavações sistemáticas da camada de rejeitos de minério depositada.
4. Levantamento topográfico, fotográfico, batimétrico e registros gráficos.

Resultados e Discussão

Os trabalhos de limpeza e evidenciação das estruturas que compõe o curral de pedras se iniciaram em abril de 2016 com a abertura de trincheiras/poços testes no intuito de identificar a extensão dos vestígios arqueológicos históricos, principalmente na porção onde era impossível verificar a existência de quaisquer sinais que remetam a presença dos alinhamentos de pedras. As intervenções na área interna do curral e em seus muros de delimitação tiveram início em outubro de 2016.

No sentido de melhor delimitar a área alvo da limpeza e estabelecer métodos arqueológicos sistemáticos, foi realizada a subdivisão dos setores de escavação

seguindo os pontos cardeais a fim de englobar todo o perímetro remanescente do curral erigido de pedras, conforme é apresentado a seguir.

Setor sul

As quadras foram demarcadas com um dimensionamento inicial em 4 metros de comprimento por 4 metros de largura, em uma sequência alfanumérica, totalizando 13 quadras, partindo da área onde o alinhamento de pedra se encontrava visível. Parte deste alinhamento não foi escavado, devido ao impacto da lama de rejeito ter retirado por completo todos os vestígios da estrutura histórica e posteriormente por ter sido alagada pela elevação do nível d'água em função da implantação do dique S4.

A retirada da camada de rejeito nestas quadras teve o intuito de evidenciar partes do muro de pedras que compõe o antigo curral até alcançar o piso original do terreno. A quadra inicial, por ter se apresentado estéril (sem presença de partes do muro), foi escavada com o objetivo de ser o ponto de partida na escavação, chegando a atingir entre 40 – 50 cm de espessura.

A exposição do curral de pedras no setor sul foi realizada, a princípio na face externa e superior. Na face externa do alinhamento no intuito de evidenciar as porções inteiras e ou colapsadas do muro foi aberta uma trincheira entre 90 – 100 cm de largura com profundidade variando entre 60 a 80 cm.

No setor sul, evidenciou-se que as paredes do curral que ficavam acima da superfície foram todas carregadas pela passagem da lama, ficando apenas as paredes protegidas pelo aterro do interior do cercado.

Foi identificado um dos vértices do curral de pedras erigido em junta seca, que segue no sentido sudoeste/nordeste e o muro frontal (oeste) e lateral (sul). Esta porção apresentou a profundidade máxima de 80 – 90 cm, atingindo o piso original do terreno. Em modos gerais, a largura do alinhamento de pedras demonstrou um dimensionamento médio entre 60 a 70 cm, devido à inserção de pedras irregulares entre as fileiras da parede do curral.

Na extremidade final do Setor Sul foi possível verificar a inexistência da base do alinhamento de pedras do curral. Neste ponto, a movimentação da lama retirou toda a estrutura de pedra da parede da face sul do curral, sendo que a partir deste ponto não foi possível identificar a sua continuidade.

Sendo assim, foi testada a hipótese pela utilização da batimetria que identificou o trecho do alinhamento de pedras inexistente, projetando a sua continuidade até o ponto final da parede sul do curral. A utilização do levantamento topobatimétrico no registro arqueológico proporcionou a demonstração por um caminho cartográfico, que deste ponto em diante, os vestígios do alinhamento do muro em junta seca do setor sul foram totalmente suprimidos devido à movimentação do rejeito de minério.



Dimensionamento de 2,70 metros da porção no qual se finda o alinhamento de pedras do curral –

Fonte: Equipe Arcadis, abril de 2016.

Setor Oeste (frontal)

Neste setor foi possível destacar os métodos construtivos distintos que conformavam o curral de pedras, sendo a técnica empregada na disposição horizontal de pedras em junta seca e na fixação das placas retangulares de quartzito verticalmente.

Neste segmento do muro constituído por junta seca evidencia-se uma largura média de 60 cm, ressaltando que os vestígios remanescentes deste alinhamento acima do piso original do terreno, foram carregados pelo movimento da lama. A espessura da camada de rejeito nestas quadras atingiu entre 1,00 a 1,20 metros de altura máxima, distribuídas em 7 quadrículas, dimensionadas em 4 metros de comprimento por 4 metros de largura, em uma sequência alfanumérica.

O seccionamento das quadras neste setor seguiu a orientação no sentido Sul/Norte no intuito de revelar a base do alinhamento de pedras presente na porção frontal do antigo curral. Foi possível identificar a presença dos marcos e vigas de aço que sustentavam os pilares de concreto que conformavam o portal da entrada principal. Nestes pilares estavam fixadas duas porteiras de madeira abaixo de uma pequena estrutura de um telhado, seguindo um caminho até alcançar a porção posterior do curral.

Na extremidade deste alinhamento foi realizado o registro de um cocho de pedra feito em quartzito, apresentando um formato retangular e sub-arredondado nas extremidades, demonstrando como medidas 1,30m (comprimento) X 0,76m (largura), com espessura que varia entre 15 a 27 cm, e a profundidade do rebaixo entre 11 a 13 cm. O cocho foi devidamente coletado e levado a uma reserva técnica responsável por salvaguardar o material.



Cocho de pedra evidenciado durante a retirada da camada de rejeito de minério. Fonte: Equipe Arcadis, outubro de 2016.

Setor Norte

Neste setor houve a projeção de quadras em dois alinhamentos sendo o primeiro apresentando um dimensionamento em 4 metros de comprimento por 4 metros de largura, em uma sequência alfanumérica, totalizando 10 quadras e no segundo alinhamento demarcado em 4 metros de comprimento por 2 metros de largura, totalizando 12 quadras.

Ressalta-se que a retirada da camada de rejeito das quadras seccionadas neste setor evidenciou parte do alinhamento do muro de placas (fixadas na vertical) e da sua continuidade erigida com o emprego da técnica da disposição horizontal das pedras em junta seca, sem a utilização de argamassa.

A disposição dos vestígios remanescentes do alinhamento das lajotas de quartzito (muro de placas) fixadas na vertical demonstra a força da passagem do rejeito de minério sobre a estrutura histórica, restando em alguns pontos somente o negativo de sua quebra e em outros pontos foi extraído por inteiro mantendo somente o vácuo do local onde estavam fixadas em superfície.

A largura média evidenciada neste alinhamento foi de 60 cm, sendo identificada somente a fiada das pedras que estavam próximas do piso original do terreno. Devido a passagem da lama neste ponto a porção do alinhamento de pedras que estava acima da superfície foi carregada.

Destaca-se também a diversidade litológica empregada na construção destes muros de pedras. A disposição dos afloramentos destas rochas nas proximidades se retrata como um fator preponderante nestas escolhas, sendo possível identificar rochas provenientes dos quartzitos, xistos, hematitas, cangas e filitos em um arranjo erigido em junta seca.

Na extremidade do alinhamento foi identificado o vértice que direciona o alinhamento de pedras no sentido sul, conformando a parede do setor leste do curral. Nesta quadra restou somente a última fiada das pedras do muro em junta seca, junto ao nível da superfície original do terreno.



Detalhe da placa de quartzito fraturada – Quadra F5. Fonte:Equipe Arcadis, novembro de 2016.

Setor Leste (posterior)

As quadras projetadas obtiveram dimensionamento adaptado as condições locais devido à proximidade da área de alagamento do dique S4. Procedeu-se inicialmente com a marcação das quadras dimensionadas em 4 metros de comprimento por 4 metros de largura, em uma sequência alfanumérica que englobam o segmento previamente estabelecido.

O alinhamento de pedras da parede leste na porção posterior do curral, demonstrou uma largura dimensionada em 60 cm revelando a última fileira de pedras junto a superfície original do terreno, disposta em um arranjo horizontalmente com o emprego da técnica da junta seca. Na extremidade leste do curral de pedras foi identificado um dos vértices remanescentes.

Segundo os relatos dos moradores locais e as visualizações de vídeos e fotos do antigo curral de pedras é de conhecimento notório que neste setor Leste (posterior) havia um portal com marcos de concreto e uma porteira de madeira, assim como o que era observado em sua entrada. Estes dois portais, tanto na porção frontal como na posterior, eram interligados por um caminho. Devido ao alagamento desta área não foi possível identificar o local de inserção deste portal descrito.



Vértice do alinhamento do curral de pedras na extremidade leste Fonte: Equipe Arcadis, dezembro de 2016.

Setor interno

Os trabalhos da limpeza e remoção da camada de rejeito de minério no setor interno do Curral de Pedras procederam inicialmente com a marcação das quadras que englobaram por completo a porção previamente estabelecida.

As quadras projetadas foram demarcadas em uma seqüência alfanumérica com um dimensionamento em 4 metros de comprimento por 4 metros de largura em grande maioria, sendo que em algumas quadras o dimensionamento foi menor devido a adaptação feita em função da proximidade da área de alagamento do dique S4, totalizando 37 quadras, com espessura da camada de rejeito variando entre 70 cm a 1 metro.

Na porção interna do curral junto da superfície foram identificados os negativos das pedras fraturadas que serviam como base onde se apoiavam os cochos, apresentando uma distância entre si de 1,50 a 1,60 metros. Em alguns desses locais onde se encontravam as bases dos cochos, a passagem da lama de rejeito retirou por completo as pedras, deixando somente o negativo no piso original. O dimensionamento destes negativos das bases dos cochos se manteve em 60 cm de comprimento por 30 cm de largura. Os cochos não foram encontrados na área circundada pelo alinhamento de pedras do antigo curral.

Considerações Finais

O quadro apresentado após o rompimento da barragem de Fundão da Samarco S.A., com relação ao patrimônio cultural da região de Bento Rodrigues, não apresentava paralelo a outro ocorrido no mundo, nem em escala, nem em proporção. Nessa medida, não existia bibliografia base para dar suporte aos métodos e técnicas a serem utilizados, ou um estudo de caso que pudesse ser utilizado como modelo.

Algumas determinações de proteção aos bens culturais apregoados pelo *International Committee of the Blue Shield* (ICBS – Comitê Internacional do Escudo Azul), criado em junho de 1996, teve como propósito de proteger e salvaguardar o patrimônio cultural, conforme estabelecido na Convenção de Haia (1954), em casos extremos de impacto a estes, como no caso de conflitos armados. E, é claro, existe todo um aparato legal e teórico metodológico que norteia e designa os estudos arqueológicos necessários, no que tange ao patrimônio cultural.

O sítio arqueológico histórico identificado como Curral de Pedras remete ao período de conformação do subdistrito de Bento Rodrigues, em conjunto com um cocho esculpido em pedra e com os segmentos de muro em junta seca e em lajes de pedra. O segmento de muro que delimitava o curral de pedras e que circundava uma antiga propriedade estendia-se até a capela de São Bento e delimitava seu cemitério contíguo. Ao todo foram evidenciados 91,4 metros de muro e foram executadas escavações na área total do curral de pedras da ordem de 795m².

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos foram de fato o último registro dos remanescentes das estruturas do curral e cocho de pedras, que atualmente se encontram submersa na área do dique S4. Todas estas estruturas remetem ao período colonial e estão totalmente inseridas neste contexto.

Nesse sentido, elas são parte de um todo integrado, que está associado à constituição do local como lugar de morada, de exploração do ouro no século XVII e XVIII e de acesso a outras paragens, dado que a Estrada Real ligava Bento Rodrigues e o distrito

de Santa Rita de Durão até o distrito de Camargos, sendo vetor de formação destes povoamentos.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Francisco. C. D. Uma poética da técnica: a produção da arquitetura vernácula no Brasil. Tese de doutoramento, IFCH-UNICAMP, Campinas, 2016.

ARCADIS; Relatório Final de Resgate nas áreas impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão Samarco S.A.; Mariana e Barra Longa – MINAS GERAIS Samarco Mineração S.A., Jan/2017.

BASTOS, Rodrigo Almeida. Regularidade e ordem nas povoações mineiras no século XVIII. Disponível em: <http://mdc.arq.br/2009/10/01/regularidade-e-ordem-nas-povoacoesmineiras-no-século-XVIII/>. Acesso em: jul/2014.

BRAGA DE ANDRADE, Leandro. Escravidão, campesinato e desigualdade de Minas Gerais no século XIX. Mariana: 1820-1850. *Laboratório de História Econômica e Social UFJF*. Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005.

BRENDLE, M. de B. U. C. Projeto de restauração e intervenção como projeto de arquitetura: Cesare Brandi e o Neues Museum Berlin". 6º Projetar- O projeto como instrumento para a materialização da arquitetura: Ensino, pesquisa e pátria; Salvador, 26 a 29 de novembro de 2013.

BINFORD, L.R. Archaeology as Anthropology. *American Antiquity*, vol.28, n.2, 1962. P.217-225.

BINFORD, L.R. Methodological considerations in the use of the graphic data. In: R.B.Lee & I. DeVore (eds.) *Man the hunter*, Chicago: Aldine Publishing Company, 1964.p.268-73.

BINFORD, S.R.; BINFORD L.R. (eds.). *New Perspectives in Archaeology*. Chicago: Aldine, 1968.

CHAVES, M. das G.; PIRES M. do C.; MAGALHAES S. M. (2012) "Casa de Vereança de Mariana: 300 anos de História da Câmara Municipal". EDUFOP/PPGHIS, Ouro Preto.

CARRERA M. & L. SURYA "Arqueologia da arquitetura: Contribuição nos projetos de restauro e na preservação". Faculdade Damas da Instrução Cristã; *Architecton – Revista de Arquitetura e Urbanismo – Vol. 02, N°01, 2012.*

CUNHA C. dos R. (2010) "Restauração: Diálogos entre teoria e prática no Brasil nas experiências do IPHAN"; Tese de doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo-SP.

DORREL, Peter G. (1994) *Photography in Archaeology and Conservation*. Cambridge Manuals in Archaeology. Cambridge University Press.

FAGUNDES, J. R. "As roças de Bento Rodrigues Caldeira – século XVII, 2010". Disponível em: <http://valedoparaibaarquivoshistoricos.blogspot.com.br/2010/08/as-rocas-de-bentorodrigues-caldeira-na.html>.

FONSECA, Claudia Damasceno. "Urbs e civitas: a formação dos espaços e territórios urbanos nas minas setecentistas". In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol.20, n.1, São Paulo, jan./jun., 2012.

GOMES, Tatiana da Silva. A valorização do antigo pelo novo: o panorama da inserção de arquitetura contemporânea nos conjuntos históricos tombados de Mariana e Ouro Preto. Escola de Arquitetura da UFMG, 2009 (dissertação de mestrado).

GUIMARAES C. M. E MOREIRA M. G. (2011) "Cartografia, Arqueologia e História das Minas Gerais (Séculos XVIII e XIX)." Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica.

HAAS Y. C. & RIBEIRO R. T. M. "Tecnologia da conservação de pedras; Uma proposta de Metodologia". XI Congresso Internacional de Rehabilitacion del Patrimonio Arquitectonico y Edificacion; 2012.

HEXAGONO ENGENHARIA (março/2016) "Diagnóstico prévio das estruturas e dos elementos artísticos das edificações" Preservação do patrimônio cultural sacro das comunidades de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gestera, municípios de Mariana e Barra Longa – Minas Gerais".

IPHAN. "Manual de Arqueologia Histórica em projetos de restauração". 2002

LEROI-GOURHAN, A. (Org.). "Pré-história". EDUSP. São Paulo, 1981. p.333

LEROI-GOURHAN, A. "Evolução e técnicas I: o homem e a matéria". Lisboa: Edições 70. 1984. 251 p.

LIMA D. R. "Entre as paredes de Deus: Arqueologia da Arquitetura sacra e do urbanismo em Vila do Príncipe no século XVIII". Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial a obtenção do título de mestre em Antropologia, 2010.

M. CARRERA & L. SURYA "Arqueologia da arquitetura: Contribuição nos projetos de restauro e na preservação". Faculdade Damas da Instrução Cristã; Architecton – Revista de Arquitetura e Urbanismo – Vol. 02, Nº01, 2012.

NATAL, Caio Meneguello. Ouro Preto e as primeiras representações da cidade histórica, 2103. Disponível em: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/download/.../756. Acesso em: jul. /2014.

OLIVEIRA, M. M. "A documentação como ferramenta de preservação da memória: cadastro, fotografia, fotogrametria e arqueologia." Brasília: IPHAN/ Programa Monumenta, 2008.

OLIVEIRA, Jose E. "*Bento Rodrigues: trajetória e tragédia de um distrito do ouro, 2016*". Disponível em: https://www.academia.edu/19713244/Bento_Rodrigues_trajet%C3%B3ria_e_trag%C3%A9dia_de_um_distrito_do_ouro.

RENFREW, Colin & BAHN, Paul. Arqueologia: Teorias, Metodos y Practica. Akal: Madrid.1993.

RENFREW, C. & BAHN, P. "Arqueologia: Teorias, Metodos y Practica". Akal: Madrid. 1993.

RESENDE M. E. L.de & VILLALTA C. L. "As Minas Setecentistas 2". Belo Horizonte: Autentica; Companhia do Tempo, 2007.

RIBEIRO, R. T. M.; NOBREGA C.; SOUZA M. V. de; COELHO C. M. T. "O levantamento físico e sua influência no projeto final de restauração". I Seminário nacional sobre ensino e pesquisa no projeto de arquitetura; Natal de 07 a 10 de outubro de 2003; RN/Brasil; PPGAU – UFRN.

SCHIFFER, M. B. 1972 "Archaeological context and systemic context." American Antiquity 37:156-165.
_____ 1983 "Toward the identification of formation processes." American Antiquity 48(4):675-706.

_____ 1987 "Formation Processes of the Archaeological Record". University of New Mexico Press, Albuquerque, 428pp.

_____ 1988 "The structure of archaeological theory". American Antiquity 53(3):461-485.

SALGADO, Marina. Ouro Preto: Paisagem em transformação. Escola de Arquitetura da UFMG, 2010.

SILVA L. F. da "Técnicas de Restauração do Patrimônio Histórico". Trabalho de conclusão de curso apresentado a universidade Anhembí Morumbi no âmbito do curso de engenharia civil com ênfase ambiental. São Paulo, 2004.

SILVA F. G. da “Pedra e Cal: Os construtores de Vila Rica no século XVIII (1730 – 1800)”. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte /MG, 2007.

SIMIS T. C. e ARRUDA S. A. de “As prospecções arqueológicas e arquitetônicas para o projeto de consolidação das ruínas da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia/Igarassu (PE)”. Faculdade Damas da Instrução Cristã; Architecton – Revista de Arquitetura e Urbanismo – Vol. 01, N°01, 2011.

TAVARES F. M. “Metodologia de diagnóstico para restauração de edifícios dos séculos XVIII e XIX nas primeiras zonas de mineração em Minas Gerais”. Universidade Federal de Juiz de fora; Faculdade de Engenharia; Mestrado em Ambiente Construído; Juiz de Fora, 2011.

TEIXEIRA, Heloisa Maria. O papel da liberdade: alforrias em Mariana no século XIX (1840- 1988), 2012. Disponível em: <http://web.cedeplar.ufmg.br/cedeplar/seminarios/ecn/ecnmineira/2012/arquivos/O%20papel%20da%20liberdade.pdf>. Acesso em: jul/2014.

VASCONCELLOS D. de “História Antiga das Minas Gerais”. Belo Horizonte; Imprensa Oficial do estado de Minas Gerais, 1904.

VELOSO, Tercio. “Do arraial a cidade: ocupação do espaço e dinâmica na (re) construção de Mariana, Minas Gerais (1742-1747)”. Temporalidades – Revista Discente de Pós-Graduação em História da UFMG. Vol5, n.1, Jan/abr 2013.

VIANNA, Helio. Diário da Viagem do Imperador a Minas – 1881. Ministério da Educação e Cultura. Anuário do Museu Imperial. Petrópolis: MEC, 1957.